

PRUEBA DE CERTIFICACIÓN DE NIVEL INTERMEDIO B1

PORTUGUÉS

COMPRENSIÓN DE TEXTOS ESCRITOS (CTE)

Duración de la prueba: 50 minutos

DATOS PERSONALES

Apellidos: _____

Nombre: _____ Comisión Evaluadora: _____ Nº Orden: _____

Oficial

Libre

INSTRUCCIONES

- **NO** abra el cuadernillo de examen hasta que se lo indique su profesor.
- Las tareas deben escribirse con **bolígrafo negro o azul** (no con lápiz) y en el espacio indicado. **No escriba en las zonas sombreadas.**
- **Haga todas las tareas.** Al principio de cada tarea hay un ejemplo ilustrativo con el número cero.
- Al final de la prueba entregue dentro del cuadernillo **todo el papel** de borrador utilizado.
- Permanezca en su asiento hasta que el profesor indique el final de la prueba.

ITEMS CORRECTOS

Tarea 1: ____/10

Tarea 2: ____/10

Tarea 3: ____/5

TOTAL: ____/25

Tarefa 1

Em cada umas das seguintes perguntas, com base no texto, vão aparecer 3 itens. Você terá de escolher apenas uma hipótese. Faça conforme no exemplo 0.

Pontuação: 10X1 = 10 valores.

Rui Gaiola: A experiência tem que ser melhor do que as fotografias da viagem

0. Não há fotografias no seu livro porque...
 - a) Não lhe pareceu necessário já que a capa tinha um aspecto mesmo atraente.
 - b) **Não lhe parecia apropriado, tendo em conta a quantidade e qualidade do resto do trabalho.**
 - c) Foi incapaz de escolher uma fotografia concreta
1. Quando estive no Parque Nacional de Yosemite, Rui Gaiola estava arrebatado ou...
 - a) entusiasmado
 - b) precipitado
 - c) irritado
2. Existe uma frase no livro de fotografias de Rui Gaiola que quer dizer...
 - a) As fotografias devem ser de muito boa qualidade
 - b) As fotografias sempre devem ser melhores do que a viagem.
 - c) As fotografias não têm de ser melhores do que a vivência da viagem
3. Rui Gaiola viveu...
 - a) No mesmo distrito
 - b) Na mesma província
 - c) Em diferente distrito e província
4. O protagonista do artigo refere que na sua infância...
 - a) As crianças viviam com total liberdade sem se preocupar com nada
 - b) Ele já fotografava tudo e que conservava as lembranças na sua gaveta
 - c) Os seus pais fotografaram-lhe por um tempo e que conservavam as lembranças na sua gaveta
5. O Rui sempre quis visitar e conhecer cidades e quando conheceu...
 - a) Gostou imenso de cada uma delas.
 - b) Gostou e de facto publicou bastantes fotografias de ambientes urbanos no seu livro
 - c) Não gostou e de facto na sua obra não aparecem muitas fotografias de “paisagens” habitados.
6. Também o nosso protagonista fala em road trips os quais...
 - a) Adora porque se sente realizado profissionalmente neles.
 - b) Dão-lhe felicidade e bem-estar. Neles sente que encontrou o seu lugar no mundo.
 - c) São mais um cenário que gosta de percorrer, pois “não há duas estradas iguais.”
7. Rui Gaiola faz um trabalho sazonal, que quer dizer...
 - a) Agradável ao gosto, saboroso
 - b) Próprio de uma estação do ano
 - c) De pouca importância
8. Sempre que puder fazer as suas viagens, aproveita para...
 - a) Fazer o maior número de fotografias durante o dia todo.
 - b) Fazer uma boa quantidade de fotografias, mas também descansar
 - c) Fazer fotografias e desfrutar do resto do tempo.
9. O que é que quer dizer a citação que faz do escritor José Saramago (“É preciso sair da ilha para ver a ilha. Não nos vemos se não sairmos de nós”)?
 - a) Que é necessário ir de barco para viajar muito longe
 - b) Que é preciso fazer muitas viagens
 - c) Que é preciso sairmos da nossa zona de conforto

10. Rui Gaiola conseguiu fazer mil livros;
- A publicação não lhe supôs nenhuma despesa
 - A publicação custou-lhe 23 euros
 - Cada livro custa 23 euros

Tarefa 1. Grelha de respostas.

0	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10
B										
✓										

Tarefa 2 - Grelha de respostas

Coloque as seguintes palavras na casa que corresponda da GRELHA DE RESPOSTAS, tendo muito em conta que apenas dez devem ser inseridas no texto, sendo o resto delas uma opção errada. Faça conforme no exemplo 0.

Pontuação: 10x1 = 10 valores.

Cinco motivos pelos quais pandemia de coronavírus pode não ser boa para o meio ambiente

0	<i>poluição</i>	✓		
1			6	
2			7	
3			8	
4			9	
5			10	

	10
--	-----------

Tarefa 3 - Grelha de respostas

Responda às perguntas com base no seguinte texto e conforme no exemplo 0. As respostas não podem ficar limitadas a um “sim” ou “não”, antes bem, terão de conter uma explicação breve e clara.

Pontuação: 5 X 1 = 5 valores

O *foodie* que não é “cagão” gosta de bitoques e come tarântulas

0. No texto, refere-se que Ricardo Dias Felner perdeu o seu interesse por ser *foodie* logo que começou a trabalhar no mundo da gastronomia?

Não, ele diz que chegou a pensar em que poderia acontecer. Mas ocorreu todo o contrário.

✓

1. Segundo o artigo, é possível comer pratos preparados com uma grande quantidade de insetos?

2. O trabalho que apresenta no seu livro, é apenas um registo das suas visitas a restaurantes ou inclui um trabalho também de pesquisa?

3. Segundo o artigo, o termo *foodie* refere sempre a uma pessoa muito experiente nos âmbitos gastronómicos?

4. Quem é que foi ver o talhante do Corte Inglés?

5. A visita correu bem para o *foodie*?

Tarefa 1

Rui Gaiola: A experiência tem que ser melhor do que as fotografias da viagem

Um livro de fotografia sem uma fotografia na capa. É assim porque seria “reductor e injusto resumir quatro anos a uma fotografia só”. É assim porque Rui Gaiola contabilizou 90 mil ficheiros desta viagem de viagens, editou 2500 fotografias para o livro que é um resumo espremido de 290 numa edição de autor em que o autor se dá a conhecer – os medos e as inseguranças, os estigmas, a ambição e a determinação. “É das imagens das minhas viagens que são feitas as minhas histórias”, escreve.

Estava Rui arrebatado pelo Parque Nacional de Yosemite, nos Estados Unidos. “Tudo era fotografável. Parei o carro pela milionésima vez para mais uma fotografia rápida, mais uma fotografia a uma estrada centrada e rodeada de árvores, com tons de verde e castanho-avermelhado únicos.” Depois, quatro anos depois, duzentas e sessenta e tal páginas depois: “A experiência de estar num lugar tem que ser melhor do que as fotografias que levamos para casa.”

Rui nasceu há 32 anos na Covilhã, “cidade neve”, e viveu desde os nove meses no Sabugal, “lugar tranquilo”. “Neve no Inverno e mergulhos no rio Côa no Verão”, dias grandes e estações bem vincadas. “Vivia-se com liberdade, autonomia e, acima de tudo, com inocência e felicidade. Tem uma fase da vida fotografada pelos pais, que juntavam tudo numa gaveta no quarto deles. “Ainda estão no mesmo sítio. Quando era puto adorava abrir a gaveta, sentar-me no chão e ver as fotografias. E faço o mesmo com os meus filhos. Tenho a certeza que estou a criar imensas memórias só de eles verem as fotos.”

Estudou em Castelo Branco e em Lisboa, onde vive. “Curiosamente, por ter nascido num meio rural, sempre tive muita vontade de conhecer grandes cidades, vividas, barulhentas, caóticas, as cidades dos filmes e dos livros.” Quería muito descobrir as cidades. “Percebi que afinal se calhar não acho assim tanta piada às cidades”, diz à Fugas junto ao Farolim de Felgueiras, na Foz do Porto, um dos poucos cenários citadinos que cabem no seu livro. E não há muitas pessoas nos sítios que fotografa. “As cidades estão saturadas e cansadas e acabei por perder o interesse. Comecei a ganhar gosto por fotografar sítios. E o meu livro é sobre sítios. “É o escape de sair da cidade e de ir para o meio do nada”, justifica o fotógrafo, que adora estradas e adora “andar na estrada”. “Adoro road trips. Dão-me uma sensação de felicidade, de realização e de bem-estar incrível, como se o meu lugar fosse exactamente a percorrê-las e descobrir tudo o que cada uma delas tem de secreto e especial. São elas que me levam aos lugares e são elas que me mostram o mundo. Não há duas estradas iguais.”

Formado em Design Gráfico, há cinco anos que Rui Gaiola ganha a vida a fotografar casamentos. Faz em média seis mil fotos por casamento, um “trabalho sazonal” que lhe permite ter o estilo de vida que quer. “Se por um lado tento incluir a natureza nas fotografias de casamento, por outro tento aplicar o registo de dia único que não se repete nas fotografias de viagens”, interliga o fotógrafo, que viaja “o mais barato possível”. Procura racionar a água, a comida, a roupa, a energia e o dinheiro. Geralmente marca apenas a viagem de ida e volta e marca um carro, que lhe dá a “liberdade” da qual não consegue prescindir. Água, comida, máquinas fotográficas e drone “fazem parte do prazer de viajar”.

Fotografa regularmente noivos e convidados com os seus melhores figurinos. E, sempre que possível, deixa-se levar por ventos e tempestades, arco-íris e vulcões. Chega a um sítio, fotografa e quinze minutos depois desliga tudo, faz uma fogueira e fica ali “a comer uma sandes e a admirar”.

Prefere cenários invernosos a palcos demasiado luminosos – gosta de os deixar mais limpos do que os encontrou – e costuma citar uma frase de José Saramago (“É preciso sair da ilha para ver a ilha. Não nos vemos se não sairmos de nós”) também para explicar o seu próprio “regresso às origens”.

Com as suas próprias mãos, Rui Gaiola fez mil livros (preço unitário de 23 euros). “Começou com uma ideia muito pequenina. Quando dei conta ficou gigante”, diz o fotógrafo que “precisava de um ponto final” nestes quatro anos de “evolução” e de “auto-conhecimento”. “Este livro é, também, a prova de que não há impossíveis e que quando queremos muito uma coisa conseguimos. Se quisermos ser patrões de nós próprios, conseguimos. Se quisermos fazer da nossa paixão a nossa profissão, conseguimos.

Público.pt©

Tarefa 2

Cinco motivos pelos quais pandemia de coronavírus pode não ser boa para o meio ambiente

Imagens de lugares com menos **0. poluição** **1.** _____ no mundo, dando uma certa esperança de que a pandemia global do coronavírus **2.** _____, ao menos, dando-nos essa notícia boa. Mas cientistas alertam que pode não ser bem assim. Apesar de **3.** _____ uma menor circulação de pessoas, do arrefecimento da economia e da consequente diminuição das emissões de gases do **4.** _____, há pontos que afetam negativamente sobre o clima nessa situação.

Primeiro, porque experiências passadas mostraram que essas diminuições pontuais não levaram a mudanças a **5.** _____ prazo.

Em segundo lugar, porque já estamos produzindo mais lixo, principalmente hospitalar. Em Wuhan, primeiro **6.** _____ da crise na China, por exemplo, a quantidade de lixo cresceu quatro vezes.

Terceiro: o consumo de energia nas cidades aumentou muito, porque usamos mais gás e eletricidade ficando em casa.

O quarto ponto é algo que parece contraditório: as partículas de contaminação têm os seus benefícios porque têm um efeito de escudo contra os raios do Sol. **7.** _____ pode fazer com que o planeta **8.** _____ mais rapidamente. E, por fim, com o coronavírus, a questão **9.** _____ do aquecimento global ficou em segundo plano.

Não sabemos o que vai acontecer, mas se **10.** _____ assim, podemos pensar que essa crise nos force a rever a maneira como vivemos, talvez com menos danos ao meio ambiente.

BBC©

aqueça	continuássemos	epi-centro	existir	polussão	toda
aquecer	efeito condensador	estar	largo	removê-las	tuda
circularam	efeito estufa	esteja	longo	remover-las	
continuarmos	epicentro	exista	poluição	têm circulado	

Tarefa 3

O *foodie* que não é “cagão” gosta de bitoques e come tarântulas

“Ser maluquinho da comida – ou *foodie*, ou *gourmet* ou *gourmand* – é uma doença crónica que se agrava quanto mais se come e mais se sabe sobre comida.” E Ricardo Dias Felner tem sentido que a coisa se agrava seriamente. Chegou a pensar que, quando passasse a dedicar-se ao assunto de forma mais profissional, poderia perder o interesse”. Mas não aconteceu. Pelo contrário.

O *Homem Que Comia Tudo* é o nome do blogue do antigo jornalista do PÚBLICO e nele há um pouco de tudo. Da investigação mais aprofundada ao culto do frango assado em Portugal à metafísica (mais física que meta) do bitoque (e não se imagina o tanto que há para saber), passando pelas experiências mais radicais, com insectos, por exemplo. Aí, no texto “Sai uma tarântula mal passada”, ficamos a saber que “o primeiro problema quando se quer fazer uma refeição de insectos não é comê-los, é encontrá-los”.

O que atravessa todo o livro, seja qual for o registo dos textos, é um olhar muito particular que Ricardo tem sobre a comida. Primeiro, com uma enorme curiosidade que o leva a lançar-se em pesquisas muitas vezes exaustivas para chegar à verdade definitiva sobre um determinado assunto. E depois com uma escrita elegante, inspirada e atravessada por uma ironia que torna tudo muito mais digerível – mesmo as tarântulas.

Ricardo Dias Felner tem a perfeita noção de como certas práticas dos chamados *foodies* se aproximam bastante do ridículo. É, por isso, uma delícia ler a crónica “*Foodies, esses chatos*”, com episódios como o da ida do autor ao talho do El Corte Inglés. “Estava eufórico por ter o talhante só para mim e queria saber quanto pesava o bicho, onde pastara, o signo, se era novo ou velho. – Desculpe, esta aba de vaca barrosã será de um animal com que idade?”, pergunta o jovem *foodie*, entusiasmado.

Não é vaca, é boi, responde-lhe o talhante. A carne de vaca não é boa para comer. Quer saber a idade do boi, é isso?

– Sim, é isso. Prefiro os mais velhos.

– Ouça, isso são tretas que se leem na Internet. Esta carne é de novilho e é excelente. Mas para lhe explicar porquê levaria muito tempo. E tempo é coisa que não tenho.

Pimba. Tautau ao *foodie*. Bofetada ao menino a brincar às comidas. Vai buscar. Às vezes é mesmo isto que merecemos.”